

O TEXTO E SUAS PROPRIEDADES: DEFININDO PERSPECTIVAS PARA ANÁLISE¹

Mônica Magalhães Cavalcante²

Mariza Angélica Paiva Brito³

Valdinar Custódio Filho⁴

Suzana Leite Cortez⁵

Rosalice Botelho Wakim Sousa Pinto⁶

Clemílton Lopes Pinheiro⁷

Resumo: Este artigo retoma uma reflexão, antiga, mas sempre atual, sobre as propriedades definidoras do texto como objeto de investigação da Linguística Textual. Aqui são cotejadas definições de diferentes perspectivas teóricas (ADAM, 2019, BAKHTHIN, 1997, AMOSSY, 2017, AUTHIER-REVUZ, 1994, CAVALCANTE, 2016, KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Comungamos com o dialogismo bakhtiniano a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo e pensamos que as relações de sentido que o instituem como unidade de coerência são um simulacro. Tais relações de sentido se instauram, em incessante negociação, pela atividade interativa dos interlocutores na situação comunicativa particular, pelos indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, pelas determinações do gênero, pelas ligações intertextuais e pela contenda argumentativa que orienta essa negociação. Pretendemos, com este artigo, propor um conjunto de propriedades que configuram o objeto texto para a Linguística Textual na atualidade, com vistas a definir os pressupostos mais amplos que determinam os fenômenos a serem investigados e as categorias de análise a serem acionadas. Essa proposta tem levado o grupo Protexoto a rever os conceitos com os quais lida a Linguística Textual. Neste trabalho, que dá início a tal empreendimento, elencamos algumas ideias-chave, basilares para a atualização que pretendemos fazer: a explicitação do texto como evento; a clivagem do sujeito e as vozes que o atravessam; a natureza eminentemente interacional, discursiva e argumentativa dos processos de produção e compreensão; e a configuração multissemiótica da materialidade textual.

Palavras-chave: Texto. Interação. Discurso. Dialogismo.

Abstract: This article takes up an old but always current reflection on the text-defining properties as a research object of Text Linguistics. Definitions of different theoretical perspectives are compared here (ADAM, 2019, BAKHTHIN, 1997, AMOSSY, 2017, AUTHIER-REVUZ, 1994, CAVALCANTE, 2016, KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). We

¹ Este artigo resulta das discussões fundamentais empreendidas por membros do grupo de pesquisa Protexoto, dentre os quais Francisca Tarciclê Pontes Rodrigues (IFCE), Antenor Teixeira de Almeida Júnior (FGF), Janaica Gomes Matos (UESPI), Sávio André Cavalcante (IFCE), Isabel Muniz Lima, Antonio Lailton Moraes Duarte (UECE), Rafael Lima de Oliveira, José Elderson de Souza Santos, Carlos Eduardo Pinheiro, Geana Barbosa da Silveira, Mayara Arruda Martins, Bárbara Jéssica dos Santos Amaral, Eduardo Carvalho de Almeida, Dálete de Castro Braga Costa e Joeliza Maria Sousa Colares e Jefferson Gomes Fernandes.

² Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. monicamc02@gmail.com

³ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil. marizabrito02@gmail.com

⁴ Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil. valdinarcustodio@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil. sucortez@gmail.com

⁶ Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. rpinto@fcsh.unl.pt

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. clemiltonpinheiro@hotmail.com

associate with bakhtinian dialogism when we consider the idea that the text happens concretely as an enunciative event and we think that the relations of meaning that establish the text as a unit of coherence are a simulacrum. Such relations of meaning are established, in incessant negotiation, by the interactive activity of the interlocutors in the particular communicative situation, by the cotextual signs integrated into the sociocultural context, by the determinations of genres, by the intertextual clues and by the argumentative feud that guide this negotiation. With this paper we intend to propose a set of properties which configure the object text within Text Linguistics nowadays, in order to define the wider postulates that determine the phenomena to be investigated and the analysis categories to be activated. This proposition has led the group Protexto to revise the concepts with which Text Linguistics deals. In this work, which initiates such an enterprise, we catalog some key ideas, which support the updating we intend to do: the explicitization of the text as an event; subject cleft constructions and the voices which traverse it; the eminently interactional, discursive and argumentative nature of production and comprehension processes; and the multisemiotic configuration of the text materiality.

Keywords: Text. Interaction. Discourse. Dialogism.

Introdução

A disciplina Linguística Textual se define, como toda abordagem científica, por seu objeto e por sua perspectiva de análise. O objeto da Linguística Textual é o texto – uma unidade singular da coerência textual no contexto da enunciação. Para Jean-Michel Adam (2019), a análise textual se desenvolve, simultaneamente, pela interpretação da ocorrência particular do texto e por suas próprias regularidades. Dizemos que tais regularidades são composicionais, genéricas, estilísticas, de articulação tópica, de referência anafórica e dêitica, de marcas de representação de textos e discursos outros.

Todo texto é guiado por uma orientação argumentativa, uma vez que, mesmo quando não defende um ponto de vista, o sujeito tenta, de algum modo, influenciar o outro quanto a mudanças no seu modo de pensar, ver, sentir ou agir. Essa concepção se fundou em Amossy (2017), que vem se dedicando à articulação teórica entre a Retórica e a Análise do Discurso de origem francesa, e se pauta por uma visão de argumentação como uma negociação do sujeito, por meio de recursos languageiros, em busca de influência sobre o outro. Influência, por esta perspectiva, significa o modo como as opiniões e as ações de um indivíduo ou de um grupo podem ser afetadas por outros indivíduos ou grupos.

O grupo de pesquisa Protexto vem adotando, nos últimos anos, o conceito de texto como um *enunciado* (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos.

Comungamos com o dialogismo bakhtiniano a ideia de que o texto acontece concretamente como evento enunciativo, mas pensamos que as relações de sentido que instituem o texto como unidade de coerência são construídas numa situação enunciativa imediata simulada, porque não se trata de sujeitos empíricos, num tempo e espaço físico real, mas de uma encenação criada pelo universo textual a cada vez. Tais relações de sentido se instauram, em incessante negociação, pela atividade interativa dos interlocutores na situação enunciativa particular, pelos indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, pelas determinações do gênero discursivo, pelas ligações intertextuais e pela contenda argumentativa que orienta essa negociação.

Porém, esses diálogos interdisciplinares não querem dizer que incorporamos à Linguística Textual os mesmos conceitos originais das outras vertentes teóricas e, sim, que os acomodamos aos nossos valores e interesses metodológicos. Esta é a razão pela qual o grupo Prottexto vem retomando noções basilares que concernem ao texto, quer originadas no seio da Linguística Textual, quer advindas de outros aportes teóricos, para justificar escolhas terminológicas e definir alguns critérios de análise.

Com isso em mente, deixamos claro, desde já, que não é nossa intenção apresentar análises de uma amostra ou *corpus* específicos a partir de um conjunto de categorias ou critérios. O objetivo, pensamos, é um pouco mais ambicioso: lançar uma reflexão sobre princípios mais fundamentais, alguns deles construídos na interlocução com outras perspectivas de investigação das linguagens em uso. Anima-nos a possibilidade de construir um quadro teórico-operacional para a Linguística Textual que invista na complexidade do fenômeno da produção e compreensão de textos, a qual convoca pressupostos diversos, mas não inconsistentes entre si.

Esclarecemos, finalmente, que não compreendemos essa tarefa como uma revisão teórica, daí a decisão de não fazer um apanhado histórico sobre o que a disciplina propôs em relação ao conceito de texto. Isso, de maneira alguma, menospreza as enormes contribuições dos grandes nomes da área (que, de um modo ou outro, estão incorporadas em nossa reflexão). Só não é este o nosso enfoque. O tributo que pagamos aos teóricos consagrados em Linguística Textual se revela na concatenação entre o legado que deixaram e as interfaces que propomos.

Por que o texto é evento

A investigação dos processos que concorrem para a produção e compreensão de um texto – entendido como enunciado completo, que se conclui como unidade de comunicação e

que é reconhecível por sua unidade de sentido em contexto – demanda um tratamento específico, que não se limita ao componente gramatical ou linguístico dos enunciados efetivamente produzidos (embora, obviamente, o aparato linguístico também seja considerado). Esse tratamento carece de um conjunto de princípios assumidos e de descrição e análise de fenômenos com base nesses mesmos princípios. É esse nosso objetivo neste artigo como um todo.

Considerar o texto como evento (BEAUGRANDE, 1997) demanda a percepção de que o texto acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepetível, em um contexto sócio-histórico. Os elementos que imprimem sentido a um texto são, de fato, singulares para cada situação.

Inicialmente, podemos ilustrar essa ideia com o exemplo a seguir, que consiste numa cena da série *Drake & Josh*, voltada para o público adolescente. Os protagonistas da série são dois adolescentes da mesma idade que passam a morar juntos porque o pai de Drake se casa com a mãe de Josh. Regularmente, a introdução dos episódios consiste em falas dos dois personagens, direcionadas ao público, cada um falando em um espaço diferente. A seguir, apresentamos a descrição verbal de uma das introduções da cena, seguida de uma imagem que mostra o estado de ânimo dos dois personagens enquanto falam.

(1)

Josh: Sabe o que é melhor de ter o Drake como irmão?

Drake: Sabe o que anda me incomodando bastante? É essa mania do Josh.

Josh e Drake juntos [tela focalizando os dois, em espaços diferentes]: Nós andamos juntos o tempo todo! [*Josh fala empolgado e Drake, queixoso*]

Josh: É incrível!

Drake: E eu acho meio demais!

Josh [empolgado]: Tomamos o café da manhã juntos!

Drake [queixoso]: Tomamos o café da manhã juntos!

Josh [empolgado]: Vamos pra escola juntos!

Drake [queixoso]: Vamos pra escola juntos!

Josh [empolgado]: Nós jantamos juntos!

Drake [queixoso]: Jantamos juntos!

Josh [empolgado]: E nós até dormimos no mesmo quarto juntos!

Drake [queixoso]: E no dia seguinte...

Josh [empolgado]: E no dia seguinte, começa tudo de novo!

Drake [queixoso e enfadado]: começa tudo de novo!

Drake e Josh, temporada 2, episódio 13 – “Drew e Jerry”. Diálogo da cena de abertura. 2004.

Escrito por Dan Schneider; dirigido por Steve Hoefler.

(2)

Figura 1: Drake e Josh, temporada 2, episódio 13 – “Drew e Jerry”. Imagem da cena de abertura (Josh à esquerda; Drake à direita).



Fonte: Serie escrita por Dan Schneider; dirigida por Steve Hoefler. 2004.

Nesta cena, os personagens reproduzem quase que exatamente os mesmos enunciados, mas a partir de perspectivas diferentes, o que quer dizer que, embora muito semelhantes, os enunciados tomam corpo em eventos distintos. Enquanto Josh demonstra muito entusiasmo por poder compartilhar momentos com o meio-irmão, Drake, por sua vez, revela-se insatisfeito de ter que conviver sempre com o outro garoto.

Temos, então, que um mesmo enunciado, se colocado em situações diferentes, pode se encaminhar para sentidos diferentes. Nesse caso particular, muda o estado de espírito dos participantes. Mas também podem mudar, por exemplo, o projeto de dizer do(s) locutor(es) (que é influenciado, dentre outros aspectos, pelas ideologias defendidas/reveladas pelos sujeitos), o momento sócio-histórico da enunciação, o espaço simulado da encenação etc.

O exemplo apresentado é apenas uma possibilidade, dentre outras, para se reconhecer o ineditismo inerente a qualquer texto. Outra possibilidade de se atestar o mesmo princípio compreende a constatação de que um mesmo texto pode ter sentidos construídos de forma diferente a depender do interlocutor. Vejamos os textos a seguir:

(3)

'Legitimidade de novo governo pode até ser questionada', diz general Villas Bôas
Villas Bôas afirma que atentado a Bolsonaro 'materializa' temor de que intolerância afete
governabilidade

09 Setembro 2018

BRASÍLIA – O comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, disse que o atentado ao deputado Jair Bolsonaro, candidato pelo PSL ao Planalto, “é a materialização das preocupações que a gente estava antevendo de todo esse acirramento dessas divergências, que saíram do nível político e já passaram para nível comportamental das pessoas”.

[...] A seguir, os principais pontos da entrevista:

[...] *Qual o efeito do atentado para o momento eleitoral?*

O atentado confirma que estamos construindo dificuldade para que o novo governo tenha uma estabilidade, para a sua governabilidade, e *podendo até mesmo ter sua legitimidade questionada*. Por exemplo, com relação a Bolsonaro, ele não sendo eleito, ele pode dizer que prejudicaram a campanha dele. E, ele sendo eleito, provavelmente será dito que ele foi beneficiado pelo atentado, porque gerou comoção. Daí, altera o ritmo normal das coisas e isso é preocupante⁸.

(4)

Candidatos ao Planalto contestam declarações do general Villas Bôas

10.09.2018

Candidatos à Presidência da República reagiram às declarações do comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo publicada neste domingo (9).

[...] “Tenho pelo general Villas Bôas um apreço pessoal. A mim incomoda muito esse tipo de declaração, mas sei que ele só faz isso para segurar os cachorros agressivos à sua subordinação”, afirmou o candidato [Ciro Gomes], que também participou do debate em São Paulo.

⁸ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,legitimidade-de-novo-governo-pode-ate-ser-questionada-diz-general-villas-boas,70002493813>. Acesso em 16 set. 2018. Grifo nosso.

[...] “É a opinião dele. Eu não acho que o País está dividido. O País está, mais do que nunca, unido em torno de Bolsonaro e será no primeiro turno”, disse Flávio [Bolsonaro], após discursar em evento do partido no Rio.

[...] O PT classificou a fala do comandante do Exército como “grave episódio de insubordinação”. [...] ⁹

O pano de fundo dos textos (3) e (4) são as eleições presidenciais de 2018, marcadas, como muitos consideram, pela polarização em torno dos candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad; o clima instável também contou, em diferentes momentos desse quadro, com as falas de representantes das Forças Armadas do país, dentre as quais o texto (3) é um exemplar.

No texto (4), apresentam-se posições sobre a fala do general Villas Bôas: Ciro Gomes (candidato) entende que a fala do general Villas Bôas é direcionada a outros militares (“os cachorros agressivos”); Flávio Bolsonaro (filho do candidato Jair Bolsonaro) contesta a divisão do país supostamente aludida por Villas Bôas, já que, na visão dele, o país todo está unido em torno da candidatura do pai; e o PT (partido de Fernando Haddad) interpreta a fala do comandante do Exército como “grave episódio de insubordinação”, por considerar que, em sistemas democráticos, comandantes militares não podem manifestar-se politicamente.

O que interessa notar, para uma consideração dos princípios que regem a configuração dos textos e dos sentidos, é que as três interpretações¹⁰ partem do mesmo texto, mas cada uma revela um sentido diferente. Ou seja, a leitura do mesmo texto ocorreu em *eventos diferentes*, de modo que esse acontecimento é, de fato, único para cada situação de interação. Esses eventos diferentes, que dão singularidade ao texto, também sinalizam para o lugar de fala do locutor, apontando para valores, crenças, ideologias, que vão configurando os pontos de vista gerenciados no texto.

O mesmo caráter de “irrepetibilidade” se atesta também quando uma pessoa entra em contato com um mesmo texto em momentos diferentes e propõe, a cada novo contato, uma interpretação que não coincide em tudo com as interpretações anteriores (como diz o célebre dito de Heráclito, “Um homem não pode entrar no mesmo rio duas vezes”). E isso também pode se verificar, por exemplo, na interação que estabelecemos com as canções: ouvir uma

⁹ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/09/10/interna_politica,987545/candidatos-ao-planalto-contestam-declaracoes-do-general-villas-boas.shtml. Acesso em 16 set. 2018.

¹⁰ O texto completo contém, também, as posições de Geraldo Alckmin e Guilherme Boulos, não publicadas aqui porque, para atender à lei de direitos autorais, somos limitados a usar porções bem curtas dos textos que pretendemos analisar.

canção no rádio certamente será uma experiência distinta de assistir ao videoclipe da mesma canção, uma vez que, embora a letra da canção seja a mesma, as imagens presentes no videoclipe podem ampliar as possibilidades de atribuir sentido à canção.

As condições aqui exemplificadas reforçam o princípio de que o texto é, de fato, um evento, de modo que a investigação dos mecanismos utilizados pelos sujeitos para dar sentido ao que produzem e compreendem deve ser estabelecida tomando por base, sempre, a interação e todo o contexto social que ela incorpora. Isso pressupõe assumir a importância capital de outras instâncias além da materialidade (linguística, visual, sonora), tais como os papéis sociais que os interlocutores assumem, as coordenadas dêiticas de pessoa, tempo, lugar e modo em cada campo mostrativo instaurado pelo texto, o compartilhamento de esquemas mentais ressignificados a cada uso e os pontos de vista assumidos ou rechaçados frente a crenças e valores sociais. Claro que esse lugar de fala é construído na própria interação em sentido amplo e não necessariamente a cada momento, porque toda interação é situada histórica e culturalmente.

No panorama esboçado até aqui, deve ter ficado claro que pleiteamos uma concepção de texto que possibilite tratar os sentidos como resultado de múltiplos fatores, o que implica, em última instância, aceitar que também os sentidos são múltiplos. Isso não quer dizer, contudo, que, para um mesmo texto, pode ser atribuído *qualquer* sentido, pois estes não são ilimitados.

O texto é necessariamente dialógico e comporta uma heterogeneidade de vozes

Se, por um lado, assumimos princípios do dialogismo como constitutivos do texto, por outro, nossos interesses investigativos, que afetam nosso método de análise, são distintos dos interesses das análises bakhtinianas. Pelo mesmo raciocínio, compartilhamos inúmeros pressupostos com as análises de discurso, dentre eles o da enunciação em sentido amplo, dentro da qual o texto precisa ser considerado, mas nos voltamos para aspectos da organização textual integrada ao contexto.

Interessa-nos aprofundar as relações de convergência entre as assunções da Linguística Textual hoje e os pressupostos da enunciação, da interação e do discurso. No âmbito do dialogismo, um texto só se manifesta singularmente de maneira situada, dentro de uma dada esfera de atividade humana, e em relações constitutivamente intertextuais. Cada texto é irreproduzível e representa um elo com outros textos no contexto sócio-histórico. É por isso que dizemos que a interpretação de um texto nunca está encerrada e

concluída, porque não existe texto considerado apenas como potencial, já que ele acontece como evento e, por isso, terá sempre singularidade.

Ao assumirmos a relação dialógica entre textos, também nos interessa, de perto, discriminar categorias de análise que marquem essa dialogia no texto (no enunciado). Para evidenciar a relação entre textos, é necessário impor limites entre eles. Aquilo que não se delimita com começo, meio e fim é um *continuum*, um texto sem fim, não um diálogo entre textos. Portanto, se fosse um *continuum*, não haveria razão para conceber processos “inter”textuais.

O todo do enunciado só se constitui pela incorporação de elementos dialógicos que o perpassam. Como afirma Bakhtin (1997, p. 351-355), em *Estética da criação verbal*:

O enunciado (como *todo* verbal) não pode ser reconhecido como unidade de um nível superior, último, da estrutura da língua (situado acima da sintaxe), pois entra num mundo de relações totalmente diferentes (dialógicas), sem paralelos possíveis com as relações linguísticas que se estabelecem em outros níveis (em certo plano, é possível fazer um paralelo entre o *todo do enunciado* e a *palavra*). O todo do enunciado já não é uma unidade da língua (nem uma unidade do “fluxo verbal” ou da “cadeia discursiva”), é uma unidade da comunicação verbal que não possui uma significação, mas um *sentido* (um sentido total relacionado com um valor: a verdade, a beleza etc.; que implica uma compreensão responsiva, que comporta um juízo de valor. A compreensão responsiva de um todo verbal é sempre dialógica.

Pelo ponto de vista dialógico, o texto só existe em atravessamento com outros textos, perante os quais o locutor tem uma atitude responsiva-ativa. Mas, como preconiza Authier-Revuz (2004), o jogo de vozes que atravessa qualquer texto não se justifica somente por esse dialogismo, no sentido antropológico, pelo qual o sujeito se constitui sempre numa relação de alteridade, e qualquer signo construído é sempre ideológico. A heterogeneidade de vozes, constitutiva de todo texto, para Authier-Revuz, é mais que dialógica, porque é também justificada pelo atravessamento de vozes do inconsciente, numa concepção freudo-lacaniana (ver, sobre isso, FLORES e TEIXEIRA, 2005).

A suposição de um locutor nunca uno, e sim, dividido, clivado, tal como postulado pela teoria enunciativa de Authier-Revuz, tem sido admitida em estudos da Linguística Textual desde a tese de Brito (2010) e a tese de Fonseca (2011), quando os autores reconheceram e evidenciaram que o sujeito, como locutor ou como interlocutor, precisa da ilusão de ter domínio e controle do seu dizer, embora nunca o tenha. O sujeito é sempre cindido, e a linguagem, pela qual ele se constitui, é sempre falha, ou nunca é completamente exitosa, ao se expressar. É o que se pode ler na posição tomada por Brito (2010, p. 20):

Para nossa pesquisa, é importante destacar a observação que Teixeira faz sobre a diferença entre a heterogeneidade de Authier-Revuz e a concepção de alteridade de Ducrot (1987), porque esclarece a noção de sujeito clivado com a qual trabalharemos. Ducrot concebe a alteridade como valor constitutivo do próprio enunciado, como algo interno, no âmbito da Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Por outro lado, a heterogeneidade constitutiva da enunciação da autora, pensada a partir de seus exteriores: o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise lacaniana, refere-se ao heterogêneo absoluto, “um Outro radical que afeta a enunciação, ao qual nenhuma representação pode atribuir papel num diálogo interno do dizer, como acontece na teoria polifônica de Ducrot” (TEIXEIRA, 2005, p.138). Desse modo, a alteridade de Ducrot, na qual o sujeito é múltiplo, desdobrado em locutores e enunciadorees que “falam” dentro de qualquer enunciado, distancia-se drasticamente do sujeito dividido de Authier-Revuz. E disso a autora não abre mão, na medida em que entende que as formas de representação que os enunciadorees têm de seu próprio dizer não podem ser tomadas apenas como um reflexo direto do processo enunciativo, e muito menos a linguística deve ser tomada como uma totalidade, o UM, uma ciência completa em si mesma, uma totalidade autônoma, sem outro, sem falha, sem furo, sem real.

Creemos que essa concepção de descentramento do sujeito não nos impede de olhar para os locutores, e para seus papéis actanciais no contexto social, como um sujeito que conscientemente planeja seu texto, arranjando-o conforme seu projeto argumentativo de influência sobre o outro, por se acreditar completamente “dono” de seu dizer, embora não o seja. Na verdade, o sujeito não controla inteiramente as vozes com as quais ele tem que lidar ao organizar seu dizer. Ele é um efeito dos sentidos que, no contrato de comunicação, são produzidos em negociação, mas, às vezes, à revelia de sua intencionalidade.

Por uma Linguística Textual não apenas interacionista, mas também discursiva

Por muito anos se afirmou que a Linguística Textual se inscrevia numa abordagem interacional da linguagem. Hoje, cumpre admitir que, mesmo a interação permanecendo no centro de nossas investigações, o modo como a cercamos toma de empréstimo muitas noções sociológicas e antropológicas para além das caracterizações pragmáticas da comunicação.

Também por muito tempo, pleiteamos a inscrição da Linguística Textual numa abordagem sociocognitiva, fundada em van Dijk. Vale, agora, esclarecer que, apesar de pressupormos o compartilhamento de conhecimentos diversos na produção-compreensão de textos, nunca tivemos interesse em testar nossos dados a partir de um modelo cognitivo, por mais sociocognitivo que ele fosse.

Nosso aparato metodológico é incompatível unicamente com uma descrição semântico-cognitiva, ou com um modelo analítico de sociocognição, embora possa se beneficiar de constatações descritivas dessas abordagens. Desse modo, a sociocognição é um ponto de partida, um meio, mas não um fim, porque permanece como pressuposta a ideia de que a produção e a interpretação de textos requerem a convocação de diversos conhecimentos

compartilhados entre os interlocutores em dado contexto social e de que toda interação incorpora elementos do campo social em que acontece. É somente por esse viés que aceitamos a afirmação de Koch e Elias de que:

Na abordagem interacional de base sociocognitiva, o texto é uma realização que envolve sujeitos, seus objetivos e conhecimentos com propósito interacional. Considerando que esses sujeitos são situados sócio-histórica e culturalmente e que os conhecimentos que mobilizam são muitos e variados, é fácil supor que o texto “esconde” muito mais do que revela a sua materialidade linguística. (2016, p. 32).

Somente adotando uma concepção de enunciação ampla e de contexto alargado, podemos repetir com as autoras – e aqui o fazemos - que:

Ao texto concebido como uma entidade multifacetada cuja construção envolve, além do linguístico, conhecimentos outros pressupostamente compartilhados, subjaz uma concepção de contexto que põe em saliência o que os sujeitos possuem como modelos mentais ativados na interação, considerando que esses modelos dizem respeito a como essas representações ocorrem no plano das relações entre os sujeitos social, histórica e culturalmente situados. (2016, p. 38)

Nossa perspectiva não pode ser compatível também com uma concepção estreita de situação interacional, contemplando apenas o contexto comunicativo imediato. O contexto, que se integra ao texto, é aqui visto como mais amplamente sócio-histórico, porque, como afirma Hanks (2008), fundamentando-se em Bourdieu, há duas condições fundamentais para contemplar o contexto como parte do texto: a emergência e a incorporação. A emergência diz respeito ao próprio acontecimento do texto na interação, é quando o texto é enunciado; a incorporação concerne à imbricação dos aspectos organizacionais e situacionais com enquadres culturais e com uma espécie de causalidade sócio-histórica:

Contexto é um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo língua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros. Hoje em dia se reconhece de forma bastante ampla que muito (senão tudo) da produção de sentido que ocorre por meio da língua(gem) depende fundamentalmente do contexto. (HANKS, 2008, p. 124)

A Linguística Textual se interessa por aspectos sociointeracionais e discursivos, simultaneamente, mas não tem por objetivo tratar metodologicamente as relações interdiscursivas que atravessam as formações discursivas, porque seu objeto de estudo são as regularidades que colaboram para a produção e interpretação dos sentidos em contexto negociados argumentativamente.

O caráter multimodal dos textos

Nossos estudos têm lidado com ideia de que os textos sempre comportam uma multimodalidade. Vários textos contemplam sistemas semióticos verbais e não verbais, mas, até hoje, a Linguística Textual investiu principalmente em aspectos da visualidade. Não ter dado conta de todos os sistemas semióticos ainda não significa negligenciá-los, nem subvalorizá-los. Significa apenas reconhecer que, aos demais sistemas semióticos, não conseguimos (e provavelmente nunca o faríamos plenamente, sem o aparato de outras disciplinas) dar o tratamento metodológico que mereceriam.

Por sistemas semióticos, um termo utilizado por Kerbrat-Orecchioni, estamos entendendo os diferentes meios e canais de expressão que podem envolver recursos, tecnológicos ou não, para fazer produzir, receber e fazer circular um texto. Kerbrat-Orecchioni alerta para a combinação desses sistemas semióticos no mesmo texto.

À semelhança de Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 22), consideramos que os sistemas semióticos correspondem aos diversos recursos utilizados (verbais e não verbais) para que se proceda à comunicação. A autora salienta que, nos diversos contextos interacionais, há a combinação de muitos desses recursos.

A. Borel e J. L. Nestoulous constatarem que falar é, antes de tudo, “proceder à seleção de diversas categorias de suportes [modos] formais da comunicação (língua, gesto, mímica...). Esta operação não tem o objetivo de privilegiar um dos sistemas semióticos em detrimento dos outros; vários agenciamentos nos parecem, ao contrário, possíveis. É assim que observamos, às vezes, a coocorrência dos diversos sistemas no quadro dos discursos. Ex.: mensagem linguística + gesto + mímica. Em outros casos, os diversos elementos apareceriam alternativamente, um gesto tomado, desta vez, no lugar de palavra ou sintagma. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 22)

O texto compõe uma unidade dentro da interação, em diferentes modos de enunciar. De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990), a interação é um processo pelo qual dois ou mais atores coorientados, ao seguirem sequências de comportamentos em direção a um objetivo, transmitem-se informação de maneira mutuamente contingente, graças a configurações “multicanais”.

Creemos que a interação envolve modos de trocas comunicativas, em que os participantes assumem papéis sociais e tentam exercer influências recíprocas uns sobre os outros. Segundo Muniz-Lima (2018), diversos aspectos interferem nos modos de interação, como o grau de formalidade (formal ou informal), a gestão das vozes (monogerida ou poligerida), a sincronicidade (síncrona ou assíncrona), a presença ou a ausência de mídia, o caráter hipertextual, a conectividade à internet (*on-line* ou *off-line*), dentre outros. Essa

perspectiva considera a interferência da evolução das mídias nas interações, sobretudo com o advento das enunciações hipertextuais *on-line*, dentre outros. Esta perspectiva sofre interferência da evolução das mídias nas interações, sobretudo com o advento das enunciações hipertextuais.

Vale afirmar que estamos concebendo a noção de hipertextualidade, isto é, não estamos adotando o termo “hipertexto” no sentido de um todo maior, ilimitado, mas de um modo de enunciar que se organiza pelas condições da hipertextualidade (ver Elias e Cavalcante, 2017).

Para Almeida (2018), a hipertextualidade deve ser vista como um conjunto de características que organizam diferentes modos de interação digital, *on-line* ou *off-line*. Esses modos de interação que envolvem a hipertextualidade interferem diretamente nos gêneros.

A hipertextualidade não se confunde com hipertexto, termo do qual nos afastamos. A hipertextualidade é a enunciação digital, que se forma a partir dos gêneros hipertextuais, um fenômeno definido essencialmente pelas características de multilinearidade, hipermodalidade e interatividade.

Conclusão

Pleiteamos, neste trabalho, que o texto só pode ser considerado como um nível de análise para além da sintaxe se admitir os condicionamentos sociais das práticas discursivas que envolvem o enunciado, o evento enunciativo instável e irrepetível, além das regularidades composicionais e organizacionais mais ou menos estabilizadas. Para nós, a análise de um texto incide, concomitantemente, sobre o enunciado, singular, e sobre suas regularidades – um pensamento que converge não apenas para Eugenio Coseriu¹¹, mas também para o do Círculo de Bakhtin. Assim, ainda que o texto seja um objeto empírico, realizado a cada enunciação, para cercar as diversas trilhas de sentido possíveis, convocamos categorias abstratas de análise, mas que só são verificáveis em uso, no entorno contextual – uma afirmação muito

¹¹ Aproximação verificável, por exemplo, na declaração de Pinheiro (2018), em seu artigo *Eugenio Coseriu e a Linguística do Texto no Brasil*: “A linguística do texto tal como concebida por Coseriu (2007) tem como tarefa principal analisar os procedimentos de construção do sentido e as categorias de sua interpretação”. Segundo Coseriu: “El objeto fundamental de una lingüística del texto como *lingüística del sentido* lo constituyen los procedimientos de creación y comprensión del sentido” (COSERIU, 2007, p. 157); e, ainda, “La tarea de la lingüística del texto consiste en comprobar y justificar el sentido de los textos. Esto equivale exactamente a la actividad que en el dominio de la lingüística general recibe el nombre de descripción o descripción de la lengua: en el dominio de las lenguas describir no significa otra cosa que comprobar las funciones lingüísticas y justificar su existencia en relación con una categoría correspondiente en el plano de la expresión” (COSERIU, 2007, p. 299).

próxima da que fez Adam (2019). Esta é a particularidade dos estudos em Linguística Textual.

A Linguística Textual se dispõe a descrever e explicar as estratégias de colocar em texto (isto é, de textualizar) as tentativas de influência dos interlocutores que agem em práticas discursivas convencionadas como gêneros do discurso. Neste sentido, a Linguística Textual muito tem a dizer sobre a discriminação de parâmetros de análise que não se restrinjam à interpretação dos textos por marcas lexicais, morfossemânticas e sintáticas que indiquem a modalização no confronto de pontos de vista e nos embates interdiscursivos.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante...[et al]. São Paulo: Contexto, 2019.

ALMEIDA, E. C. **Texto e hipertextualidade**. [Comunicação apresentada por ocasião do III Workshop em Linguística Textual: perspectivas interdisciplinares. Espírito Santo: UFES, 2018].

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEAUGRANDE, R. A. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

BRAIT, B. O texto nas reflexões do Círculo e de Bakhtin. In: BATISTA, R.de O. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p.13-30.

BRITO, M. A. P. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. 2010. 213 f. Tese. (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CAVALCANTE, M. M. **Abordagens da Argumentação nos estudos de Linguística Textual**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem, v.14, p.106-124, 2016.

COSERIU, Eugenio. **Linguistica del testo: Introduzione a una ermeneutica del senso**. Edizione italiana a cura di Donatella Di Cesare. Roma: Carocci editore, 1997. COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto: Introducción a la hermenéutica del sentido**. Édition et annotation d'Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros, 2007.

ELIAS, Vanda Maria; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Linguística Textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e da coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria (org.). **Linguística Textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 317-338.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEXEIRA, Marlene. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FONSECA, Carlos Magno Viana. **Uma abordagem retórico-argumentativa para as não coincidências do dizer**. 2011. 193 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

HANKS, William F. Texto e textualidade. Tradução Marco Antônio Rosa Machado. In: BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168.

KERBRAT, ORECCHIONI, Catherine. **Les interactions verbales**. Tome 1. Paris: A. Colin, 1990.

_____. **Análise da Conversação**. Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Os tipos de interação e suas consequências na referenciação e nos modos de argumentação**. [Comunicação apresentada por ocasião do III Workshop em Linguística Textual: perspectivas interdisciplinares. Espírito Santo: UFES, 2018].

PINHEIRO, Clemilton Lopes. **Eugenio Coseriu e a Linguística do Texto no Brasil**. Recebido em 13/03/2018. Aceito em 02/06/2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/81047/48510>>. Acesso em: jan. 2019.

Recebido em: setembro de 2019.

Aprovado em: setembro de 2019.